

# AS FORMAS DO RESENTIMENTO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Antônio Edmilson Paschoal (PUC-PR)

[antonio.paschoal@pucpr.br](mailto:antonio.paschoal@pucpr.br)

Da mesma forma que as palavras, os conceitos são como bolsos, nos quais se guardou ora isto, ora aquilo, ora várias coisas de uma vez! (NIETZSCHE, 1988 [AZ], v. II, p. 564)\*

**Resumo:** Nietzsche não inaugura o uso da palavra “ressentimento” na filosofia alemã. O que ele faz é ampliar o significado do termo, levando-o a abranger a idéia de uma fraqueza fisiológica, de uma indigestão psíquica e também de um problema social. Neste artigo aponto alguns dos traços marcantes dessa utilização do termo por Nietzsche e o alcance da resignificação que ele impõe ao conceito de ressentimento.

**Palavras-chave:** ressentimento, moral, genealogia, transformação conceitual.

---

\* Farei as citações de Nietzsche da edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari: *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe (KSA) em 15 volumes utilizando o sistema autor-data e incluindo entre colchetes as siglas normalmente utilizadas para as obras citadas, além da indicação do volume da KSA em que o texto se encontra. As siglas são: *Cinco prefácios para cinco livros não escritos* (CP), *O andarilho e sua sombra* (AS), *Aurora* (A), *Assim falou Zaratustra* (ZA), *Para a genealogia da moral* (GM), *O crepúsculo dos ídolos* (CI), *O Anticristo* (AC), *Ecce Homo* (EH), *Fragmentos Póstumos* (FT). No caso das cartas de Nietzsche, consultadas também da edição crítica organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari: *Sämtliche Briefe*. Kritische Studienausgabe em 8 volumes, utilizarei o mesmo sistema com o acréscimo do volume da KSB em que a carta se encontra. Para os textos de Nietzsche, embora opte por apresentar uma tradução própria da KSA, não deixo de consultar as traduções existentes, em especial aquelas feitas por Paulo César de Souza, Rubens Torres Filho, Mario da Silva e Andrés Sánchez Pascual (este último em espanhol). Traduções que recomendo para aqueles leitores que não têm acesso direto ao texto alemão do filósofo. Para as demais citações segue-se o sistema autor-data e, igualmente, apresentarei uma tradução própria quando se tratar de texto em outra língua.

## APRESENTAÇÃO

Nietzsche não é o primeiro a utilizar o termo ressentimento na filosofia alemã. Eugen Dühring, por exemplo, já utilizara o termo em 1865, em um livro intitulado *Der Werth des Lebens* (O valor da vida) e, certamente, também não foi o primeiro a fazê-lo. Com Nietzsche, contudo, conforme veremos, o termo ganha novos contornos e passa a desempenhar um papel muito peculiar na construção de sua filosofia.

Partindo da idéia de que os conceitos são “bolsos” (NIETZSCHE, 1988 [AS 33], v. II, p. 564), pretendemos analisar o conceito de “ressentimento”,<sup>1</sup> como Nietzsche o encontra, identificar alguns dos diferentes significados que confere a esse conceito e verificar o papel que tais significados desempenham na sua filosofia. Ao certo, para o filósofo, um conceito não possui uma única acepção, nem mesmo no interior de seus escritos.

Além de considerar o ressentimento como um fenômeno fisiopsicológico, já de modo peculiar, Nietzsche amplia o significado usual do termo, ligando-o também a uma análise sobre o direito, a moral, enfim, a uma análise social (ao certo, nesse ponto, acompanhando a concepção de Eugen Dühring, que se refere ao ressentimento em relação a uma teoria da justiça). Diferentemente de Dühring, contudo, Nietzsche não toma o ressentimento apenas como uma reação mecânica (DÜHRING, 1875, p. 224), mas como uma vontade de poder operante que procura tornar-se dominante sobre as demais: “O *pathos* agressivo está ligado de forma tão necessária à força quanto os sentimentos de vingança e rancor à fraqueza” (NIETZSCHE, 1988 [EH, Por que sou tão sábio, 7], v. VI, p. 274).<sup>2</sup>

## O TERMO “RESENTIMENTO”

Na segunda metade do século XIX, não se encontrava em língua alemã uma palavra cunhada especialmente para expressar a idéia de ressentimento. Filósofos como Nietzsche e Dühring lançam mão, então, do termo francês “*ressentiment*”<sup>3</sup> para cumprir essa tarefa. O termo, cuja utilização na língua francesa remonta ao século XVI, deriva do verbo “*ressentir*”, o qual, embora possa ter uma conotação neutra, significando a possibilidade de reviver um sentimento ou sensação anteriormente experimentada, ou mesmo positiva, considerando a possibilidade de tal sensação ser boa ou agradável, via de regra, possui um acento negativo, designando uma “renovação de um mal sofrido, de uma dor que se ressenste”, ou então a “persistência de um sentimento suscitado por uma injúria, uma injustiça, acompanhado de um desejo de vingança” (QUILLET, 1970), ou ainda: “o fato de se recordar com amargor ou o desejo de se vingar de um mal sofrido, ódio, rancor, amargura”. LAROUSSE, 1989)<sup>4</sup>

O termo “rancor” que pode ser correlacionado a um malquerer e associado à cólera e à raiva contidas, bem como a expressão daquele sentimento de amargor, provém, certamente, da proximidade entre os termos “ressentimento” e “rancor”, pois a palavra “rancor”, do latim “*rancōre*”, possui parentesco com “*rançoso*”, também do latim “*rancīdu*”, que é traduzido como: “que cheira mal; putrefato, infecto, fétido”; (OLIVEIRA, 1970) e se encontra igualmente na raiz de “derrancar”: estragar, corromper, tornar-se rançoso.

Tal correlação é encontrada, por exemplo, na forma como Dostoiévski se refere ao material visguento no qual se esgueira o homem do subterrâneo,<sup>5</sup> e também na forma pe-

culiar como Nietzsche utiliza o termo ressentimento<sup>6</sup>, associando-o à idéia de um auto-envenenamento por meio de sentimentos como inveja, rancor e ódio. Um envenenamento que ocorre quando esses sentimentos não podem ser descarregados para fora e se voltam para o interior do homem, onde – não digeridos – ficam sendo re-sentidos. Um tipo de resposta apresentada frente a um estímulo externo que não é apenas sentido, mas res-senti-do, ou que continua sendo sentindo mesmo quando ele já não existe mais, ao menos externamente, pois, internamente (no subterrâneo daquele homem) permanece produzindo seus efeitos.

Essa reação expressa certamente uma patologia, pois ela não possui uma simetria com o estímulo que a produziu, sendo desproporcional em relação ao ato que a gerou. Cabe ressaltar, no entanto, que, para Nietzsche (1988 [EH, Por que sou tão sábio, 6], v. VI, p. 272-273), tal patologia não designa um problema circunscrito a um órgão ou função, mas expressa um estado geral de morbidez. É sintoma de que algo insano se passa com o homem. De que ele está doente.

O termo “ressentimento” corresponde, assim, já no interior da filosofia de Nietzsche, a um problema fisiológico, de um organismo sem forças para reagir frente às intempéries da vida e que também não consegue digerir os sentimentos ruins, aquele veneno produzido por sua não reação, passando a apresentar uma desordem psíquica que o impede de viver efetivamente o *presente*. Nesse organismo, a percepção da própria fraqueza e o sentimento de frustração que se segue à obstrução da ação gera um rancor, uma vontade de ferir e produzir sofrimento naquele que o detratou. Enfim, toma posse dele uma sede de efetuar aquela vingança.

ça que sua fraqueza não permite realizar. Trata-se, assim, como anota Nietzsche em um fragmento póstumo de outono de 1888, de uma “disposição para a vingança”, caracterizada por ele como “o mais pernicioso de todos os estados possíveis para o doente” (NIETZSCHE, 1988 [FP de outubro-novembro de 1888 24[1]] v. XIII, p. 618).

Especificamente no pensamento de Nietzsche, contudo, o tema do ressentimento, além de ultrapassar as concepções usuais, extrapola também o campo da fisiologia e da psicologia, que parecem caracterizar tanto a demarcação conferida ao termo a partir de sua raiz latina, quanto os contornos que apontamos tendo em vista, por exemplo, as *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski. Com Nietzsche, o ressentimento compreende ainda uma abordagem social bem mais abrangente do que a indicação de Dühring do ressentimento nas origens da justiça, e não apenas por considerar antigos povos e castas,<sup>7</sup> mas por tratar: de uma “moral do ressentimento”; de certas concepções de justiça estabelecidas a partir do ressentimento (da sede de vingança), resignificando a concepção de Dühring exposta em *O valor da vida* e em seu *Curso de filosofia*; além de criticar certas formas de intervenção social que pretendem solucionar os problemas decorrentes do processo de sociabilização do homem por meio da produção de um estado hipnótico, como observa a partir da obra *O hipnotismo*<sup>8</sup>, de James Braid, e na crítica dirigida aos fisiologistas de sua época por Léon Dumont no livro *Prazer e dor – uma teoria acerca dos sentimentos*<sup>9</sup>.

Interessa ressaltar que na apropriação feita por Nietzsche, quando o ressentimento extrapola a mera descrição de uma fraqueza fisiológica, ele não se caracteriza mais pela *inação*, como se tem no homem fraco e incapaz de reagir

frente às injúrias sofridas, mas, ao contrário, por uma forma de *ação*. No caso de uma moral, por exemplo, mesmo em se tratando de uma forma de valorar que se constitui a partir da fraqueza, ela se faz justamente para criar as condições favoráveis para a expansão e predomínio desse homem fraco sobre os outros tipos de homem. Nesses termos, embora postule uma negação do caráter expansivo da vida, paradoxalmente, nas mãos dos impotentes, essa moral não deixa de ser uma forma de vida que pretende se expandir e se impor sobre as demais.

Assim, ao lado do ressentimento entendido como uma inibição da ação, tem-se também o ressentimento que designa uma vontade de poder operante. O que permite levantar a hipótese de que, mais do que elaborar uma peça de uma nosografia, interessa a Nietzsche tipificar uma vontade de poder que se manifesta no direito, na política, na religião, na moral, e isto como um meio de contrapor-se a ela tanto em termos individuais quanto coletivos.

## O RESSENTIMENTO NOS ESCRITOS DE NIETZSCHE

Seria muito difícil abarcar em poucas páginas a complexidade do fenômeno do ressentimento como ele aparece no conjunto dos escritos de Nietzsche. Isto porque, trata-se de um tema que não se desvincula de outros temas centrais de sua filosofia tais como a sua psicologia do homem moderno, sua crítica à cultura, à moral, à religião, ou às configurações políticas de seu tempo, sejam elas a democracia, o socialismo ou o anarquismo. Assim, sem a pretensão de fazer uma abordagem do amplo papel que o tema do ressentimento desenvolve no conjunto da obra de Nietzsche,

pretendemos neste item apenas mapear brevemente as formas como o termo aparece (e também desaparece) dos seus escritos, com o intuito de preparar a análise do modo como ele é desenvolvido em *Para a genealogia da moral*, obra em que assume ao certo seu papel mais marcante.

O termo “ressentimento” aparece pela primeira vez num escrito de Nietzsche no verão de 1875 em um texto enviado por ele a Cosima Wagner e intitulado “O valor da vida de E. Dühring” (NIETZSCHE, 1988, v. VIII, p. 131-185).<sup>10</sup> Nesse momento, em meio às questões acerca do pessimismo, à contraposição de Nietzsche, à idéia de se atribuir um “valor da vida”, bem como à crítica filológica do texto, Nietzsche chama a atenção para a correlação entre o conceito de justiça e a idéia de vingança e de ressentimento feita por Dühring. Ele preserva, então, o modo como o conceito é formulado por Dühring, associado à justiça, e já apresenta uma crítica à idéia de que a justiça teria sua origem na disposição mecânica do ofendido para a vingança, o que significaria, portanto, que a justiça teria sua raiz em um sentimento reativo: o ressentimento.<sup>11</sup>

Nos anos seguintes o termo desaparece dos escritos de Nietzsche, e nas poucas passagens em que o tema é abordado não há o uso da palavra ressentimento. É o caso, por exemplo, do aforismo 503 de *Humano, demasiado humano*, no qual afirma que a inveja e o ciúme<sup>12</sup> “são as partes vergonhosas da alma humana” (NIETZSCHE, 1988 [HH 503], v. II, p. 321), e da seção intitulada “Sobre as tarântulas” de *Assim falou Zaratustra*, em que associa a vingança à peçonha encontrada na tarântula e que se espalha na sua vítima. Zaratustra correlaciona o veneno da vingança (da sede de vingança) à idéia de justiça, em especial à concepção de justiça

que se apóia na noção de *igualdade*. Segundo ele, daquela “vontade de igualdade”, entendida como um nivelamento e uma interdição sobre tudo o que se destaca, desprende-se o ódio e a injúria a tudo o que é diferente.

Como se pode observar, nessas várias passagens não se tem apenas um prelúdio de um tema a ser desenvolvido posteriormente, mas também o delineamento da noção de rancor e vingança, bem como a correlação entre uma possível saída para o problema do ressentimento e o termo “redenção”<sup>13</sup>. “Pois [como afirma o profeta] que o homem seja redimido da vingança: esta é, para mim, a ponte para a mais alta esperança e um arco-íris após longos temporais” (NIETZSCHE, 1988 [ZA, Sobre as tarântulas], v. IV, p. 128). Como se pode observar, em vários momentos, desde o texto sobre o livro de Dühring e em especial no *Zaratustra*, o ressentimento em Nietzsche extrapola a dimensão individual e é tomado como um problema social. Especialmente em *Assim falou Zaratustra*, ele é associado a uma determinada concepção de justiça que prega a igualdade e a vingança contra os que se destacam.

O desenvolvimento posterior do tema ocorre especialmente em *Para a genealogia da moral*, na qual o tema do ressentimento, associado, então, à doutrina da vontade de poder, permitirá a Nietzsche, conforme veremos, retomar de forma aberta seu debate com Dühring, em especial com aquela concepção de que a justiça teria sua origem no ressentimento: no espírito de vingança próprio do ofendido.<sup>14</sup>

Após seu “Escrito polêmico”, o tema do ressentimento, entendido como vingança e associado à justiça é retomado, por exemplo, em *O Crepúsculo dos ídolos*. Nele, os cristãos, os socialistas e os anarquistas são apontados como represen-



tantes do espírito de vingança, especialmente por fundamentarem seus ideais de “justiça” e “sociedade” sobre a noção de “direitos iguais” e a partir da idéia de culpa: “alguém deve ser culpado por ele [o sofredor] sentir-se mal” (NIETZSCHE, 1988 [CI, Incursões de um extemporâneo, 34], v. VI, p. 132). Em tal acepção, a justiça equivale à vingança dirigida contra aquele que o faz sofrer.

Além da designação geral do anarquismo e do socialismo e especialmente do cristianismo como movimentos impregnados pelo espírito de inveja e vingança, é possível identificar nos últimos escritos de Nietzsche, em alguns fragmentos póstumos, em *O Crepúsculo dos ídolos* e em *O Anticristo*, certas figuras apontadas como grandes odiadores. São elas: Lutero, contra o clero (NIETZSCHE, 1988 [A 68], v. III, p. 66), Sócrates, com seu ressentimento plebeu contra a aristocracia (NIETZSCHE, 1988 [CI, O problema de Sócrates, 7], v. VI, p. 70), e Paulo, “o grande apóstolo da vingança” (NIETZSCHE, 1988 [AC 45], v. VI, p. 223)<sup>15</sup>.

Por fim, em *Ecce homo* (NIETZSCHE, 1099 [EH, Porque sou tão sábio, 6], v. VI, p. 272-273) o tema do ressentimento é retomado em termos fisiológicos e pessoais, a ponto de Nietzsche apontar a si mesmo como exemplo da passagem pela enfermidade e indicar alguns meios para vencer o ressentimento. Nesse caso, em que é entendido como uma doença, ou, como o próprio “estar doente”, o ressentimento traduz mais uma vez a incapacidade de reação do fraco e a preocupação de Nietzsche de “como livrar-se do ressentimento” leva-o a propor como “um grande remédio” para aquela enfermidade o “fatalismo russo”. É procedente a observação de que em *Ecce homo* Nietzsche parece rever a crítica feita na terceira dissertação da *Genealogia*

aos meios de cura utilizados pelo sacerdote ascético para vencer o ressentimento. Deve-se observar, contudo, que no *Ecce Homo* não é a utilização de meios já apontados pelo sacerdote ascético para conter o ressentimento que ganha destaque, mas a finalidade conferida a eles: enquanto o sacerdote postula um enfraquecimento geral do homem, Nietzsche pensa em uma estratégia de sobrevivência a ser utilizada naqueles momentos em que as forças não são suficientes para uma reação efetiva.

#### USOS DO TERMO RESENTIMENTO EM *PARA A GENEALOGIA DA MORAL*

Como vimos, o tema do ressentimento é relevante na filosofia de Nietzsche como um todo, contudo, é em *Para a genealogia da moral* que ele desenvolve seu papel mais preponderante. Se não é possível ver ali todas as nuances que o termo ganha na obra de Nietzsche, por exemplo, a idéia de uma doença associada ao fatalismo russo, como se tem em *Ecce Homo*, ou a crítica à justiça entendida como desejo de igualdade, no *Zarathustra*. O fato, contudo, é que em seu “escrito polêmico” as duas variantes do termo que coloco em destaque ganham contornos bem claros e assumem funções bem precisas. Primeiro, o ressentimento entendido como um problema do homem individual, fraco, incapaz de reagir frente às adversidades da vida e de digerir o veneno produzido pela sua vingança não realizada.<sup>16</sup> Uma caracterização que é fixada em um tipo de homem: o homem do ressentimento, e que no texto é utilizada para descrever aquela moral bem como o ideal de homem apresentado por ela. Segundo, o ressentimento com traços

de um problema social, na medida em que corresponde a uma moral, a uma concepção de justiça e a um modo de intervenção social. Tais variações de significado e uso não podem ser desconsideradas, sob pena de se perder a sutileza do tratamento conferido ao tema por Nietzsche, pois, enquanto no primeiro caso o ressentimento designa uma obstrução da ação que se desenrola numa indigestão psíquica e num envenenamento produzido pela sua não ação; no segundo, como uma moral, ele corresponde a uma vontade de poder operante que busca o domínio sobre as demais e que efetivamente é vitoriosa na cultura ocidental.

Na primeira dissertação – em que a descrição do ressentimento tem lugar como uma peça na história da emergência<sup>17</sup> e na caracterização de uma determinada forma de valoração, a do rebanho – ele aparece tanto como um problema fisiológico quanto como um problema social. Por exemplo, no parágrafo 10, em que o “homem do ressentimento” é descrito em oposição ao homem que esquece, Mirabeau, a tônica é colocada na fraqueza, na incapacidade do homem do ressentimento para uma autêntica reação, a dos atos, e também para digerir o veneno advindo da sua não reação. Esse homem não responde com atos às adversidades da vida, acumulando em si o veneno que deveria descarregar para fora por meio da ação, também não possui um “estômago” forte o suficiente para digerir aquele veneno, que permanece acumulado nele hipertrofiando o seu mundo interior.

O ressentimento como um fenômeno social<sup>18</sup> não é propriamente *fraco* – embora tenha sua origem na fraqueza fisiológica e na rancorosa sede de vingança diante do “inimigo mal” –, como Nietzsche descreve na primeira disserta-

ção da *Genealogia*, em especial na seção nove, que é aberta com a seguinte assertiva: “-‘Mas o que falam vocês de ideais *mais nobres*! Sujeitemo-nos aos fatos: o povo venceu – ou ‘os escravos’, ou ‘a plebe’, ou ‘o rebanho’, ou como você preferir chamá-lo...” (NIETZSCHE, 1988 [GM I 9], v. V, p. 269). No caso, está em questão que “a moral do homem comum venceu”, e também que o “envenenamento” colocado em marcha a partir dessa vitória, de forma irresistível, não diz respeito apenas ao homem individual, mas ele perpassa o “copo inteiro da humanidade” (NIETZSCHE, 1988 [GM I 9], v. V, p. 269).

Mais adiante, na seção 10, o filósofo esclarece que aquela “rebelião escrava na moral” tem início “quando o próprio *ressentimento* se torna criador e gera valores: o *ressentimento* daqueles seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação” (NIETZSCHE, 1988 [GM I 10], v. V, p. 270). Diferentemente daqueles que são “necessariamente *ativos*”, os nobres, tais seres são associados a termos como “passividade”, “impotência”, “entorpecimento”, contudo, um tal homem do *ressentimento* “não é franco, ingênuo, nem honesto”, ele “ama os subterfúgios (...), entende do não esquecimento e da espera”, sabe lançar mão do “momentâneo apequenamento”, e o faz de tal forma que, segundo Nietzsche, “uma raça de tais homens do *ressentimento* tornar-se-á necessariamente, por fim, mais *inteligente* (*klüger*) que qualquer raça nobre...” (NIETZSCHE, 1988 [GM I 10], v. V, p. 272-273). Nesse ponto, contudo, a passividade descrita no texto de Nietzsche já não remete à idéia de não ação, mas passa a caracterizar o princípio básico de um modo de agir que impõe conseqüências para toda

a civilização ocidental e é vitorioso em relação àquela moral nobre, operando uma transvaloração dos seus valores.<sup>19</sup>

A idéia da transposição para o campo social daquele desejo de vingança é retomada na segunda dissertação da *Genealogia*, em especial na seção 11, quando o tema do ressentimento, extrapolando os limites de uma caracterização fisiopsicológica, passa a correlacionar-se com uma determinada concepção de justiça que “sacraliza a *vingança* sob o nome da *justiça*” (NIETZSCHE, 1988 [GM II 11], v. V, p. 309-310). Nesse momento, em que coloca em relevo a sede de vingança do fraco, Nietzsche faz uma crítica direta a Dühring e à sua afirmação de que o anseio por justiça e, porquanto, a justiça mesma, teria sua origem no desejo de vingança, em um sentimento *reativo*, próprio daquele que foi lesado e que espera por ressarcimento (DÜHRING, 1865, p. 222).<sup>20</sup> Nessa passagem, o ressentimento não é uma descrição do homem que não reage, mas da própria ação daquela sede de vingança atuando como uma vontade de poder operante que busca dominar e impor-se sobre as demais por meio de uma estratégia que consiste em apresentar-se como a própria justiça.<sup>21</sup> O mesmo que se tem com uma “moral do ressentimento”, que se apresenta como a única que pode atender pelo nome de moral.

Na terceira dissertação, o ressentimento é retomado como um problema fisiológico, como uma doença, porém, com a ênfase voltada para a intervenção do sacerdote ascético sobre o homem do ressentimento. O sacerdote defende o ideal proposto pela moral do ressentimento como o único ideal e propõe o homem do ressentimento como o modelo de homem. Particularmente, contudo, a figura do sacerdote ascético não corresponde às aquelas antigas aristocracias sa-

cerdotais que operam uma transvaloração dos valores nobres, descrita na primeira dissertação, mas ao modo próprio de agir do ressentimento enquanto um pastor que visa preservar e expandir seu rebanho.

Ainda que o sacerdote ascético se apresente como um médico interessado em curar o homem do ressentimento, seu objetivo é desviar a atenção do homem que sofre, impedindo que aquele sentimento de *obstrução fisiológica* tenha efeitos devastadores sobre o sofredor. A estratégia do sacerdote corresponde, segundo Nietzsche, à

tentativa de alcançar para o homem algo aproximado ao que é a *hibernação* (*Winterschlaf*) para algumas espécies animais, e a *estivação* (*Sommerschlaft*) para muitas plantas de clima quente, um mínimo de consumo de matéria e de metabolismo, no qual a vida ainda existe, sem, no entanto, penetrar na consciência. (NIETZSCHE, 1988 [GM III 17], v. V, p. 379.)<sup>22</sup>

Contudo, os meios utilizados pelo sacerdote, a redução do sentimento vital ao mais baixo nível, a “renúncia de si” e a separação entre fisiologia e psicologia, como se o problema da depressão fisiológica pudesse ser tratado como um problema moral, tornam o homem ainda mais debilitado. Se eles produzem efeitos de libertação do sofrimento, por um lado, permitindo àquele homem fraco continuar vivendo, apesar da depressão fisiológica, o fato é que, por outro lado, eles abrem caminho “para toda sorte de perturbações espirituais” (NIETZSCHE, 1988 [GM III 17], v. V, p. 380).

Segundo Marco Brusotti,

o sacerdote, que muda a direção do ressentimento, aparece nesse contexto não como o asceta num estado hipnótico [o que corresponderia àquele homem do ressentimento inapto para a ação], porém, como o “encantador” e hipnotizador. (2001, p. 123).

Com suas estratégias, como a produção de um excesso de sentimento e com as noções de culpa e pecado, ele cria um círculo imaginário em torno do sofredor, num encantamento que o mantém preso ali, como uma galinha, sob efeitos hipnóticos (NIETZSCHE, 1988 [GM III 20], v. V, p. 389). Como se pode notar, o papel do faquir, daquele que entra em estado de hibernação não é representado pelo sacerdote ascético, mas pelo homem que é encantado por ele e que permanece preso a uma “idéia fixa” sem se mover, hipnotizado pela moral (NIETZSCHE, 1988 [FP do verão-outono de 1882 3[1] 96], v. X, p. 64).<sup>23</sup> Destacamos, nesse ponto, não apenas um exemplo do ressentimento entendido como uma vontade de poder operante, como uma moral, que busca tornar-se dominante, mas a sua prática que consiste no encantamento realizado com o objetivo de não perder aqueles que se encontram sob seu domínio.

## PARA CONCLUIR

A análise fisiopsicológica do homem do ressentimento e em especial a consideração do ressentimento como um problema social constituem a ampliação e a resignificação que tornará peculiar a abordagem de Nietzsche sobre o tema. Uma resignificação que tem início com a ligação entre fisiologia e psicologia, ao tratar do tema do ressentimento em termos individuais e como um meio para caracterizar aquele tipo de homem fraco fisicamente, que se concebe e se quer assim, inapto para a reação dos atos, e que possui igualmente um aparelho digestivo incapaz de digerir suas vivências frustrantes. A explicitação de tal desordem, no texto da *Genealogia*, contudo, não cumpre um papel nosográfico,

antes, constitui uma peça para a caracterização de uma moral: a moral do ressentimento, cuja abordagem insere o tema do ressentimento no campo social.

Os dois campos, contudo, estão inter-relacionados: se o homem do ressentimento é o criador da moral do ressentimento, a solução para o ressentimento, também em termos individuais, passa por uma crítica à moral. Enfrentar o problema do ressentimento, em termos gerais, corresponde a criar as condições para o fortalecimento do homem. Ou seja, equivale a combater a moral do ressentimento que tem por objetivo uma espécie de autodiminuição do homem, o que Nietzsche faz por meio de uma *moral afirmadora* e de uma *grande política*, as quais são condições para se obter uma *grande saúde*.<sup>24</sup>

**Abstract:** Nietzsche doesn't open the use of the word resentment in German philosophy. However, what he does is expand the meaning of the term, leading him to cover the idea of a physiological weakness of a psychic indigestion and also a social sense. In this article we see some of the characteristics of this use of Nietzsche's term and scope of resignification that he imposes to the concept of resentment.

**Keywords:** resentment, moral, genealogy, conceptual processing.

## NOTAS

- 1 Sobre as diferenças entre ressentimento e má-consciência e a idéia de *cura* do ressentimento, conferir PASCHOAL, 2007, p. 97–109.
- 2 Entendo que ao interpretar o ressentimento apenas como uma força reativa, com a função de limitar a ação, Deleuze (s/d, p. 167ss) parece remeter mais à interpretação de Dühring sobre o ressentimento do que à de Nietzsche, que o toma como um sentimento reativo, ao certo, mas que não deixa



de notar que, quando ligado a uma moral, ele torna-se "criativo" (OTTMAN, 2000, p. 313).

- 3 No final do século XIX o termo francês "ressentiment" não havia ainda sido incorporado à língua alemã. Confirma-se, por exemplo, o dicionário da língua alemã dos irmãos GRIMM iniciado ainda no século XIX. Na língua alemã, o vocábulo mais apropriado para expressar o verbete "ressentiment" seria "Groll", que pode ser traduzido como "rancor" ou "grollen", que significa: "guardar rancor", sem perder de vista a idéia de "sentimento de amargura, rancor e sede de vingança" (LANGENSCHIEDTS, 1999).
- 4 Utilizamos a palavra "ódio" para a tradução do termo francês "rancune" não por se tratar da melhor opção em língua portuguesa, mas apenas para evitar repetir a palavra "rancor", que traduz igualmente "rancoeur", ambas presentes como sinônimos no texto traduzido.
- 5 Nietzsche toma contato com o livro *Memórias do subsolo* de Dostoiévski, que não utiliza o termo "ressentimento", mas refere-se ao homem de consciência hipertrofiada e descreve o seu subterrâneo, em uma edição francesa do outono de 1886, publicada por E. Plon, Nourrit et Cie. Trata-se de uma edição resumida que reúne três novelas do autor russo: *Wirthin*, uma tradução resumida de *Memórias do subsolo* e uma terceira novela com o nome *Lisa* (MILLER, 1978, p. 130-131).
- 6 Hoje o vocábulo "ressentiment" é encontrado nos dicionários da língua alemã e, curiosamente, na língua francesa, a apresentação do termo, muitas vezes, toma como referência a utilização feita dele por Nietzsche, como é o caso do *Dictionnaire Encyclopédique Quillet*.
- 7 Christian Koecke no livro intitulado *Zeit des Resentiments, Zeit der Erlösung* (*Tempo de ressentimento, tempo de redenção*), aponta o aspecto social e antropológico do ressentimento tendo em vista a referência de Nietzsche a antigas sociedades e castas sacerdotais, por exemplo, na primeira dissertação de *Para a genealogia da moral* (KOECKE, 1994, p. 141). Confor-

me veremos, o caráter social do ressentimento assume uma dimensão mais ampla se for considerada a sua crítica à moral e ao direito, por exemplo.

- 8 *Der Hypnotismus*, tradução alemã publicada em 1882. A presença do médico inglês como uma fonte, especialmente na terceira dissertação da *Genealogia da moral*, de Nietzsche, é apontada por Marco Brusotti no artigo “Wille zum Nichts, Ressentiment, Hypnose. ‘Aktiv’ und ‘Reaktive’ in Nietzsches Genealogie der Moral” (“Vontade de nada, ressentimento, hipnose. ‘Ativo’ e ‘reativo’ na *Genealogia da moral* de Nietzsche”) (2001, p. 121).
- 9 *Vergnügen und Schmerz. Zur Lehre von den Gefühlen* – edição alemã de 1876.
- 10 A primeira referência de Nietzsche a E. Dühring, contudo, é de 1865, em carta a Carl Gesdorf (KSB 2, p. 258).
- 11 Não poderemos, neste momento, adentrar nos meandros da relação entre Nietzsche e Dühring e em especial não poderemos esgotar o debate acerca da concepção de uma origem da justiça a partir do ressentimento, tese de Dühring que Nietzsche critica. Essa questão, contudo, retomaremos em breve.
- 12 Observe-se Notar a diferença em relação à idéia de inveja e ciúme que se encontra, por exemplo, em “A disputa de Homero”. Nas passagens que estamos analisando a Trata-se aqui de outra ordem de inveja, uma que não conduz à saudável disputa que se tem a partir da boa Éris de Hesíodo. (Cf.: PASCHOAL, 2006, p. 64).
- 13 A idéia de *redenção* e de um *homem redendor* reaparecem, por exemplo, na seção 24 da segunda dissertação de *Para a genealogia da moral* como uma esperança frente ao “ideal vigente”: o niilismo.
- 14 Uma análise preliminar dessa crítica a Dühring desenvolvida por Nietzsche em *Para a genealogia da moral* é apresentada em “O perdão como sinal de força e saúde – especulações em torno da filosofia de Friedrich Nietzsche”, especialmente no

item: “Ofensa, sede de vingança e clemência” (PASCHOAL, 2008, p. 40-43).

- 15 A este conjunto não pertencem, por exemplo, Jesus, César e Napoleão, personagens que tem no fato de vencer o ressentimento um dos dísticos que os separam dos demais.
- 16 Utilizei o conceito de perdão para avaliar as noções de força e fraqueza na filosofia de Nietzsche em um texto intitulado “O perdão como sinal de força e saúde – especulações sobre a filosofia de Friedrich Nietzsche” (Cf. PASCHOAL, 2009).
- 17 Tal história da emergência considera além de fatores que se poderia chamar de antropológicos, também outros de ordem sociológica (KOECHER, 1994, p. 141) na medida em que faz um recuo a grupos sociais como as antigas aristocracias e também aos judeus: um “povo sacerdotal do ressentimento por excelência” (GM I 16; KSA V, p. 286). O ressentimento como uma peça na caracterização de formas de valoração pode ser identificado também em outros textos de Nietzsche, como é o caso, por exemplo, da seção 24 de *O Anticristo*.
- 18 A abordagem do ressentimento como um fenômeno social possui outros desdobramentos, conforme discutimos no evento “Assim Falou Nietzsche VI”, ocorrido nos dias 17, 18 e 19 de novembro de 2009, na UNIRIO. Tais desdobramentos serão publicados em breve no livro de atas do evento.
- 19 A este respeito, e também acerca da doença que acomete os políticos, conferir também a seção 43 de *O Anticristo* (NIETZSCHE, 1988 [AC 43], v. VI, p. 218).
- 20 Para Nietzsche, ao contrário, não são sentimentos reativos como o ressentimento que fazem nascer a justiça. Ela é, antes, o produto do homem forte, que a inventa para estabelecer regras entre aqueles que são seus iguais e para impor um padrão de comportamento ao fraco, àquele que não consegue manter sua palavra e cumprir suas promessas, e também para conter o “*pathos* reativo” do fraco, que se traduz, por exemplo, no desejo de vingança do fraco.

- 21 O que também não corresponde a uma mera reação mecânica, como quer Dühring, mas o efeito de intrincados jogos de força e poder.
- 22 Essa passagem ilustra claramente a utilização feita por Nietzsche de termos encontrados na obra *O hipnotismo* de J. Braid.
- 23 Questão desenvolvida em “Artes de hipnose e entorpecimento na terceira dissertação de Para a genealogia da moral” (Cf.: PASCHOAL, 2008, p. 79-86).
- 24 Assim como há uma correlação entre o ressentimento entendido como um adoecimento do homem em termos individuais e uma moral que prega a autodiminuição do homem, há também uma correlação entre o ressentimento e uma “pequena política”, à qual Nietzsche opõe uma “grande política” com a finalidade de criar as condições para o fortalecimento da planta homem, para a obtenção do que ele denomina de uma “grande saúde”. A análise de tais termos e correlações, contudo, que extrapolam o propósito deste estudo, é objeto de uma nova investigação que será publicada com o título “O ressentimento como um fenômeno social”.

## REFERÊNCIAS

BRAID, James. *Der Hypnotismus*. Ausgewohlte Schriften. Berlin: W. Preyer, 1882.

BRUSOTTI, Marco. Wille zum Nichts, Ressentiment, Hypnose. "Aktiv" und "Reaktive" in Nietzsches Genealogie der Moral. In: *Nietzsche-Studien*, Berlin: W. De Gruyter, v. 30, p. 107-132, 2001.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. Antônio M. Magalhães. Porto: Rés, s/d.

DÜHRING, Eugen. *Der Werth des Lebens*. Breslau: E. Trewendt, 1865.

\_\_\_\_\_. *Cursus der Philosophie als streng wissenschaftlicher Weltanschauung und Lebensgestaltung*. Leipzig: Erich Koschny, 1875.

DUMONT, Léon. *Vergnügen und Schmerz*. Zur Lehre von den Gefühlen. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1876.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Deutsches Wörterbuch*. Achter Band. Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1893.

KOECKE, Christian. *Zeit des Resentiments, Zeit der Erlösung*. Berlin: W. de Gruyter, 1994.

*Langenscheidts – Größwörterbuch Französisch-Deutsch*. 10. edição. Berlin: Langenscheidts KG, 1999.

LAROUSSE, Librairie. *Grand Larousse Universel*. Tome 13. Paris: Larousse, 1989.

MILLER, C. A. Nietzsches “Soteriopsychologie” im Spiegel von dostoievskis Auseinandersetzung mit dem Europäischen Nihilismus. (Inclui a discussão com: Janz, Salaquarda, Kaufmann, Maurer, Müller-Lauter, Gründer e Ulmer) In: *Nietzsche-Studien*, Berlin: W. De Gruyter, v. 7, p. 130-157, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe in 15 Einzelbänden. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin; Questão desenvolvida em “Artes de hipnose e entorpecimento na terceira dissertação de Para a genealogia da moral” (Cf.: PASCHOAL, 2008, p. 79-86). ew York: Walter de Gruyter, 1988.

\_\_\_\_\_. *Sämtliche Briefe*. Kritische Studienausgabe in 8 Einzelbänden. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1986.

OLIVEIRA, H. Maia (org.) *Lisa*. Grande dicionário da língua portuguesa. Histórico e geográfico. São Paulo: Lisa, 1970. Vol. I.

OTTMAN, H. (Org.) *Nietzsche Handbuch*. Stuttgart; Weimar: Verlag J. B. Metzler, 2000.

PASCHOAL, Antonio E. Má consciência e ressentimento: doença e promessa de futuro para o homem na filosofia de Nietzsche. In: PEREZ, Daniel O. (Org.). *Filósofos e Terapeutas em torno da questão da cura*. São Paulo: Escuta, 2007, p. 97–109.

\_\_\_\_\_. Neuroses de sanidade. In: *Revista Adverbum*, [S. L.], v. 1, p. 59-68, julho-dez/2006. Disponível em <[http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/Vol1\\_1/neuroses\\_sanidade.pdf](http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/Vol1_1/neuroses_sanidade.pdf)>. Consultado em fevereiro de 2007.

\_\_\_\_\_. Artes de hipnose e de entorpecimento na terceira dissertação de *Para a genealogia da moral*. In: \_\_\_\_\_; FREZZATTI JR., Wilson (Orgs.). *120 anos de Para a genealogia da moral*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008, p. 69 – 86.

\_\_\_\_\_. O perdão como sinal de força e saúde – especulações sobre a filosofia de Friedrich Nietzsche. In: BARRENECHEA, Miguel A. *As dobras da memória*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 39 – 47.

QUILLET. *Dictionnaire Encyclopédique Quillet*. Pr–Sta. Paris: Librairie Aristide Quillet, 1970.